

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

João Victor da Silva Gomes

**UM OLHAR SOBRE AS EXPRESSÕES DA LITERATURA NA REVISTA
ORFEU (VERÃO E OUTONO DE 1948)**

Rio de Janeiro

2022

JOÃO VICTOR DA SILVA GOMES

**UM OLHAR SOBRE AS EXPRESSÕES DA LITERATURA NA REVISTA
ORFEU (VERÃO E OUTONO DE 1948)**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Francês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laíse Ribas Bastos.

RIO DE JANEIRO
2022

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JOÃO VICTOR DA SILVA GOMES

DRE 116196080

UM OLHAR SOBRE AS EXPRESSÕES DA LITERATURA NA REVISTA ORFEU (VERÃO E OUTONO DE 1948)

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Francês

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

NOTA: ____

Prof^a. Dr^a. Laíse Ribas Bastos, UFRJ (Orientadora)

NOTA: ____

Prof^a. Dr^a.

MÉDIA: _____

AGRADECIMENTOS

O curso de graduação e este trabalho só se tornaram possível devido ao intenso e constante apoio dos meus amigos, familiares e professores. Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe Maria Vitória da Silva e à minha falecida vó Eulália da Silva, que nunca mediram esforços para que eu pudesse ter acesso a uma educação formal de qualidade. Agradeço também aos amigos que me apoiaram durante a graduação, principal e especialmente à Isabelle Vitor Pim, à Lavínia Vianini de Almeida, à Silvana Prata, à Marcela Viviane Barros , ao Fernando Tadeu Pinto e ao Saulo David Jonatas Ferreira: sem as vossas presenças e constantes apoios, conversa e parcerias , esse percurso se tornaria, sem dúvidas, muito mais dificultoso. Agradeço também à Luísa Cordeiro Barbosa, Ketruin Motta Lopes e Bruno Silva de Moura pelo igual apoio e por sempre estarem comigo nos momentos em que precisei e por me ajudar na difícil caminhada da graduação e da prática da licenciatura.

Concluo os agradecimentos aos professores que me serviram de exemplo, inspiração e, sobretudo que me marcaram bastante, entre eles a minha prezada orientadora Laíse Ribas Bastos pela paciência, solicitude e interesse em participar deste trabalho; e também aos professores Luiz Carlos Balga e Carlos Guilherme Sampaio que me foram também grandes norteadores durante a minha graduação, principalmente no cerce da língua francesa.

A todas essas pessoas e às outras que tão breve passaram pela minha vida, mas de alguma forma me marcaram, deixo meu eterno e afetuoso muito obrigado.

RESUMO

A Revista *Orfeu* foi importante periódico representativo do contexto literário após 1945, onde algumas problemáticas foram suscitadas, como a questão levantada acerca da “Geração de 45”, conforme apontada por Benedito Nunes, no artigo “A geração de 45 e João Cabral”, e Vagner Camillo, em *A modernidade entre tapumes*. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise e reflexão crítica dos números 2 e 3 da revista e como ponto de partida, fazer uma apresentação dos seus conteúdos bem como dos seus colaboradores. Em seguida, apresento uma breve e possível relação entre os textos e as imagens que aparecem no espaço dedicado a esses textos. No terceiro capítulo, discorro sobre a tensão entre o que a revista propõe como tendência nova e o que de fato é exposto em suas páginas, junto com uma breve discussão acerca do conceito de “Geração”. Para finalizar, exponho algumas considerações finais sobre as reflexões apresentadas.

RÉSUMÉ

La Revue Orfeu était un important périodique représentatif du contexte littéraire après 1945, d'où quelques problématiques ont été soulevées, comme celle qui concerne le « Courant de 45 », en particulier, par Benedito Nunes, dans l'article « A geração de 45 e João Cabral » et Vagner Camillo, dans *A modernidade entre tapumes*. Le but de ce travail est de proposer une analyse et une réflexion critique sur les éditions 2 et 3 de la Revue, et comme point de départ, faire une présentation de son contenu ainsi que de ses collaborateurs. Je vous présente ensuite une brève et possible relation entre les textes et les images qui s'entrecroisent dans l'espace consacré à ces textes. Dans le troisième chapitre, je présente la tension entre ce que la Revue propose comme nouvelle tendance et ce qui est en fait exposé dans ses pages, avec une succincte discussion sur le concept de « courant ». Pour conclure, j'expose quelques remarques finales sur les réflexions présentées.

SUMÁRIO

1. Introdução: da revista para a revista; a catalogação e a indexação....	8
2. Do texto à imagem: a revista e seus grafismos.....	12
3. Da querela à tensão: a revista como meio expositivo.....	20
4. Considerações finais.....	26
5. Referências bibliográficas.....	28
6. Anexo I.....	30
7. Anexo II	31

I — Introdução: da revista para a revista; a catalogação e a indexação

Dois anos após as primeiras erupções artísticas e literárias de 1945, surge a Revista *Orfeu*, editada por Fred Pinheiro e Fernando Ferreira de Loanda, tendo Lêdo Ivo, Darcy Damasceno e Bernardo Gersen no conselho consultivo¹, que veio a fundar em 1948, com nove números publicados. A revista teve grande relevância para a publicação e divulgação de produções artísticas da época, fazendo parte de um grande conjunto de revistas que fervilharam naquela década, tais como a revista *Edifício* de Minas Gerais, a revista *Joaquim* do Paraná e a *Revista Brasileira de Poesia*, do Rio de Janeiro.²

Nesse sentido, além da relevância de difusão literária e artística, a revista *Orfeu* consequentemente revela a presença de alguns nomes já consagrados no meio das artes bem como outros nomes nem tão conhecidos assim, fazendo como que haja uma grande heterogeneidade dentro desse grupo escolhido pelo seu Conselho Consultivo.

A metodologia deste trabalho implica em enxergar a revista literária não só como um meio de divulgação, mas também como arcabouço teórico e crítico da literatura e, até mesmo, de outras artes naquela época, visto que ela substancia, dá corpo à literatura, bem como à sua crítica. Ademais, essa amostra da *Orfeu* pode fazer com que percebamos que a revista literária pode ter outras contribuições para além daquelas pensadas e conhecidas exclusivamente em torno da ideia de “Geração de 45”, questionando e apresentando uma noção também mais ampliada da própria ideia de literatura; a revista pode ser entendida como meio de divulgação das produções artísticas e como veículo de crítica literária.

Em acréscimo, a revista literária passa a representar uma oportunidade de marcar um posicionamento. Para isso, as realizações de encontros para a discussão de bibliografia teórica e crítica acerca do período e do objeto estudados foram importantes

¹Fred Pinheiro (1925-?) nasceu em Teresina, Piauí. Fernando Ferreira de Loanda (1924 –2002) surgiu no panorama poético no início dos anos 50, tendo como parceiro de poesia Lêdo Ivo (1924-2012). Ele foi um poeta, romancista, contista, cronista, ensaísta e jornalista. Em um primeiro momento, é possível situar sua produção literária entre os poetas do grupo conhecido como Geração de 45. Já Darcy Damasceno (1922-1988) trabalhou por mais de 30 anos, de 1951 a 1982, na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A par de seu trabalho como funcionário público federal desenvolveu carreira como poeta, mas limitou-se a publicar seus poemas em edições de tiragens reduzidas e fora do circuito comercial. Também foi tradutor e crítico de poesia

²BASTOS, Laíse Ribas. *Para Domingos: as cartas, os amigos, a literatura*. Florianópolis, Boletim de Pesquisa NELIC, 2017, V.17, n. 27, p.31-40.

etapas na realização do trabalho. Juntamente a essas etapas realizou-se também a leitura e análise da revista *Orfeu*.

A partir da perspectiva apresentada, destaco que parte da metodologia de trabalho consiste em indexar os números da revista, ou seja, ler detidamente cada número e fazer um grande levantamento de assunto, nomes e questões relevantes que perpassam a revista. Ressalta-se que devido à pandemia que assolou e assola o mundo, a pesquisa andou um pouco mais devagar, pois o acesso ao objeto de estudo fora dificultado. Por essa razão, a revista foi digitalizada conforme possível: foram indexadas as revistas número 2 (verão de 1948) e a número 3 (outono de 1948)³. Cabe salientar que indexação foi feita de forma colaborativa com a metodologia e sistema mantido pelo Núcleo de Estudos Literários e Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina, e funciona como etapa importante para o processo de análise e leitura crítica do periódico⁴. Além da indexação dos textos contidos na revista, a análise e reflexão teórica também são etapas fundamentais no desenvolvimento da pesquisa, visto que compreender melhor a participação da revista na chamada “Geração de 45”, bem como a possível problematização dessa nomenclatura, em certa medida, generalizante, são os principais objetivos desse trabalho. O poeta João Cabral de Melo Neto afirma que, ao contrário do que, de modo geral, se possa pensar, as gerações literárias mais novas não são uma negação das anteriores; esse espírito de renovação pela revolta não se sustenta; o que existe é uma diferente da localização histórica e, conseqüentemente, os problemas que se põem aos envolvidos também são diferentes, como ele bem expõe nos artigos sobre a geração de 45, publicados no jornal *Diário Carioca*, em 1952:

A primeira atitude que se nota em relação à nova poesia é a de considerar sua contribuição como de importância limitada pelo fato de não se haver voltado violentamente contra a poesia que a precedeu, criando uma nova direção estética para a Literatura Brasileira. A essa atitude os poetas mais jovens têm procurado responder com a afirmação de que existe um espírito comum à sua geração [...] radicalmente diverso do que caracterizou a geração anterior e, apesar de não ter havido revolta em profundidade [...] absolutamente contrário a tudo o que foi realizado pelos poetas que o precederam imediatamente.

[...] No caso da Literatura Brasileira, se é verdade que prevalecem as reformas radicais, elas têm acontecido mais no âmbito de movimentos literários do que de gerações literárias. A poesia de um Castro Alves, em

³ O número 1 encontra-se disponível apenas na Fundação Biblioteca Nacional. Pela impossibilidade de consulta *in loco* durante o período de elaboração da monografia, e a fim de prosseguir com a pesquisa, optou-se em realizar a indexação a partir do segundo número do periódico, disponível na Biblioteca José de Alencar, da Faculdade de Letras da UFRJ.

⁴ Para mais informações acerca do banco de dados *Periodismo Literário e Cultural*, mantido pelo referido núcleo, acessar: <https://nelic.ufsc.br/acervo/>

relação a um Gonçalves Dias não é a de negação radical, mas a de superação dentro do mesmo espírito romântico. [...] E não me consta que alguém, em nome da necessidade de renovação pela revolta, houvesse exigido desses poetas de 1930, o retorno ao que existia antes de 1932. (MELO NETO, 2003 p. 61)

Pode-se tomar como exemplo dessa ótica da não-radicalidade das transformações literárias, como afirma Cabral, o fato de os escritores, na *Orfeu*, retomarem algumas formas e temas já consagrados na literatura, como o soneto. Essa característica presente na revista será comentada no próximo capítulo.

Outro aspecto que tange a análise da revista é a questão da geração literária. Quando falamos de Geração de 22, de 30 ou de 45, inconscientemente tendemos a pensar numa uniformidade de estilos de escrita. Mas isso não se aplica; cada autor tem sua subjetividade e sensibilidade criativa; quer dizer, uma vez que “não há uma definição geral da poesia, válida para nossa época, que permita ao jovem autor criar sua obra identificado com seu tempo. Existem definições particulares, individualistas” (MELO NETO, 2003, p.745). Então o que podemos considerar como uma forma de elemento “unificador” é uma polifonia poética subjetiva dentro de uma mesma geração; paradoxalmente, a ideia de uniformidade se rompe e põe em xeque o conceito de “Geração”.

Nessa polifonia aparecem os nomes de Bernardo Gersen, Lêdo Ivo, Darcy Damasceno, do arquiteto e ensaísta ítalo-brasileiro Jorge Wilhelm, a tradução de um extrato de poema do poeta da língua alemã Rainer Maria Rilke, do artista plástico Yllen Kerr, do poeta Marcos Konder Reis e Fernando Ferreira de Loanda, do diretor de arte Anísio de Medeiros, do jornalista Francisco Pereira da Silva, do dramaturgo britânico Charles Morgan e outros nomes das mais diversas áreas artísticas.

Tendo em vista todas as nuances pulsantes que foram explicitadas, o estudo da revista *Orfeu* é ainda parte, portanto, de certa lacuna crítica existente no estudo do período em questão, dedicado aos caminhos e desdobramentos da poesia e crítica na mesma época. Este trabalho visa, portanto uma apresentação inicial da revista, com suas principais contribuições para discussões críticas acerca da década de 40.

O processo de indexação adaptado do Núcleo de Estudos Literários & Culturais da UFSC consiste no preenchimento de alguns campos: o idioma da publicação, a entidade colaborativa (caso o texto publicado esteja sob a responsabilidade da revista), o título e subtítulo do artigo, páginas, vocabulário controlado (é preenchido com a “tipologia” dos textos), nome pessoal como assunto, autores colaboradores, palavras-

chave, resumo (este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/charge, HQ, charge), autores citados e tradutor. O campo fica em branco quando uma dessas informações não consta no artigo indexado.

Para realização dessa etapa da pesquisa, houve a leitura dos números 2 e 3 da revista, o levantamento de dados (ver anexo I) e partindo desse pequeno panorama dos dois números da revista, foi feito um recorte de textos para que sejam expressivos/representativos da relação entre imagem e literatura presentes na revista e que serão abordados neste trabalho. Nesse sentido, a análise teórica desse *corpus* em conjunto com as suas expressões nos números das revista são etapas fundamentais no andamento da pesquisa.

II — Do texto à imagem: a revista e seus grafismos

Ao abrir a revista *Orfeu* número 2, logo o leitor se depara com o texto intitulado “Tarefa” que nada mais é do que o editorial da revista, onde os editores discorrem sobre o contexto da *Orfeu* e logo em seguida explicitam o seu objetivo: dar voz aos novos nomes das artes e da literatura e, conseqüentemente, mostrar um posicionamento em meio ao diálogo no tempo.

Após esse editorial, a revista apresenta um artigo intitulado “A mensagem de Os Thibault”, de Bernardo Gersen; um soneto de Darcy Damasceno; o ensaio “O homem absurdo de Camus”, escrito por Jorge Wilhelm; a tradução de uma parte do poema de Rilke, entre outras produções de um grupo de escritores, poetas e artistas diversos.⁵

Na página 9, aparece um extrato de um poema do poeta de língua alemã Rainer Maria Rilke, traduzido pelo grupo editorial da revista (figura 1):

Olha: a morte está na vida; ambas seguem
Tão entrançadas, como um tapete
Os fios seguem; e daqui se forma
Para nós que passamos uma imagem.
Quando se morre, nem só isto é morte.
Morte é viver sem saber que se vive;
Morte é ainda não saber morrer.
Muitas coisas são morte; sem o enterro,
O morrer e o nascer andam conosco
E isto sentimos como a natureza,
Que dura simplesmente, sem pesar
Esse sem partido. A dor ou a alegria
São cores para os estranhos que nos vêem.
Por isso, nos importa mais que tudo
Achar o espectador que ao contemplar-nos
Bem fundo nos abrange sem seu olhar
E apenas diz: vejo isto ou vejo aquilo,
Onde outros adivinham só ou mentem

(Fragmento de “Die weisse Fürstin”)

Olha: a morte está na vida; ambas seguem
tão entrançadas, como num tapete
os fios seguem; e daqui se forma
para nós, que passamos, uma imagem.
Quando se morre, nem só isto é morte.
Morte, é viver sem saber que se vive;
morte, é ainda não saber morrer.
Muitas coisas são morte; sem o enterro.
O morrer e o nascer andam conosco
e isto sentimos como a natureza,
que dura simplesmente, sem pesar
e sem partido. A dor ou a alegria
são cores para os estranhos que nos vêem.
Por isso nos importa mais que tudo
achar o espectador que ao contemplar-nos
bem fundo nos abrange em seu olhar
e apenas diz: vejo isto ou vejo aquilo,
onde outros adivinham só ou mentem,

RILKE.

Figura 1: fragmento do poema

A partir dessa leitura, podemos perceber que o poema expõe a relação da vida e da morte; ou melhor, da ligação entre a vida e a morte, uma sempre andando junto com

⁵Após a análise da indexação (anexo I), pode-se observar que a revista é composta de várias produções textuais, tais como ensaio, crítica e poesia. Essa diversidade de gêneros textuais e colaboradores faz com que a revista seja uma espécie de expositório artístico.

a outra. Nos versos 6,7,8 e 9 (“Morte é viver sem saber que se vive/Morte é ainda não saber morrer./Muitas coisas são morte; se o enterro/ O morrer e o nascer andam conosco [...]”) a vida é sempre um processo: aprender a viver, aprender a morrer; e quando esse processo não se dá, a morte sem enterro, como diz o trecho, nos encontra.

Logo em seguida, o leitor é surpreendido por uma ilustração do artista plástico Yllen Kerr (figura 2). Se observarmos, ao centro, podemos enxergar um rosto e uma mão meio espalmada. Essa ilustração nos remete à ideia descrita no trecho do poema de Rilke: o entrelaçamento da vida e da morte, representado por essas espécies de retas, justapostas ao rosto e à mão, que parece estar cavando, procurando algo. Além disso, seu corpo propõe a ideia de um corpo em processo de formação; a mesma ideia processual do poema.



Figura 2

Ilustração de Yllen Kerr

Em acréscimo, vale ressaltar que a escolha do poeta Rilke feita pela Revista *Orfeu* se deve também à natureza da sua obra, como infere Vagner Camillo

[...] pode-se afirmar que o diálogo deu-se, no Brasil, em torno do orfismo e da retomada de formas clássicas como a elegia e o soneto, privilegiando, para tanto, apenas uma dada parcela da obra rilkiana, a de inflexão metafísica, representada pelos *Sonetos a Orfeu* e *As Elegias de Duíno*, em detrimento de outra, a de experimentação mais radical dos poemas-coisas (Dinggedichte) recolhidos em *Novos Poemas*. (CAMILO. p.269-270, 2020)

O trecho do poema apresentado na revista pertence à peça *A princesa branca*, de Rilke. Esse projeto literário de Rilke mais focado na inflexão metafísica — que parece ser a temática exposta no trecho traduzido pela revista — é tomado como ponto crucial

pela *Orfeu* e os artistas em que nela publicaram e, sobretudo, alguns poetas da década de 40. Por consequência, retoma-se a salvação da e pela poesia⁶

[...] que a Geração de 45 acalentou como ideal, justamente num momento de acentuada crise relativa à destinação e alcance da poesia. Tais atributos que o poeta alemão parece encarnar são, em suma, os do mito órfico. [...] os poetas de 45 cantaram o poder restaurador e civilizador do mito em contraste aos modernistas classicizados, que em geral optaram pelo fim trágico do herói trágico dilacerado pelas ménades. (CAMILO, p.271, 2020)

Nas páginas 44 e 45, outro exemplo da relação texto-imagem pode ser vista em “A Sala branca” de Fred Pinheiro na figura abaixo:

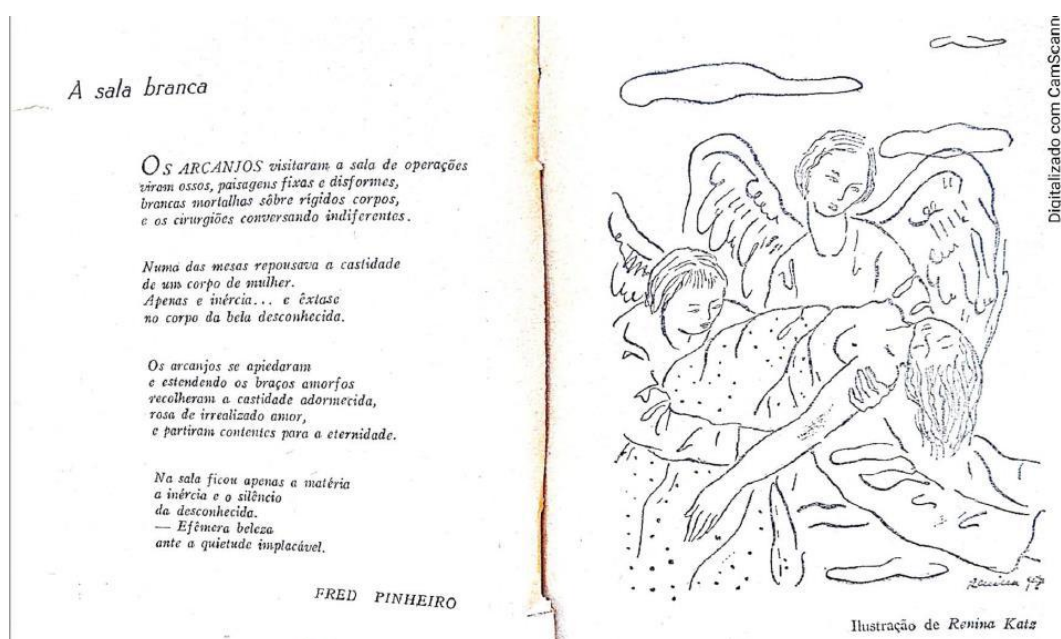


Figura 3

O poema narra a morte de uma mulher numa sala de operação; os anjos recolhem a “castidade adormecida” e a matéria fica na sala. Percebamos ao lado a ilustração da artista Renina Katz: a ilustração mostra anjos recolhendo o corpo de uma mulher deitada, aparentemente morta — ou seja, é justamente a imagem retratada no poema. Ademais, Vagner Camilo afirma em seu livro *A modernidade entre tapumes* que a “[...] definição do programa de 45 corresponde, na verdade, à reposição de um *tópos* clássico [...]” (2020, p. 123) e, comparado com o poema apresentado, temos uma

⁶ No artigo de Lins do Rego “[...] ‘Ainda os Novos’, em que ressalta o caráter renovador da revista dos poetas de 45, buscando ‘desinsular’ e agregar os bons escritores brasileiros, além de reivindicar uma arte e uma crítica conscientes, citando trechos das cartas de Rilke para defender uma poesia calcada na vida e na experiência do poeta”. (CAMILO, p.272, 2020)

temática universal da poesia: perda/morte de uma mulher. Temática essa, que é uma retomada das gerações anteriores, ou como Camilo mesmo propõe um neoclassicismo; uma retomada de valores, formas, *tópos* clássicos.

Nessa retomada, percebe-se que, mesmo que não haja uma homogeneidade de nomes publicados na revista — há nomes que se repetem como, por exemplo, Bernardo Gersen, Darcy Damasceno e Lêdo Ivo, e há nomes que aparecem pela primeira vez (conforme a proposta do Editorial) como Moreira da Fonseca, Heitor Saldanha e Jorge Medauar — o soneto torna-se ponto comum *à priori* pela intensidade da forma. Ao analisar a questão, Camilo retoma as palavras de Baudelaire propondo “[...] porque a forma é restritiva, a ideia irrompe mais intensa [...]” (2020, p. 144) e lembrando que, nessa retomada do soneto, não há estudo dessa forma fixa pelos poetas da década de 40, somente a reutilização. Consequentemente, essa inflexão formal poderia enrijecer a poesia, visto que

Nada similar a esse nível de experimentação com a forma — e menos ainda com o que Drummond realizou à época — encontra-se entre os poetas de 45. Com eles, a retomada do soneto tende a se fazer sem grandes experimentações e questionamentos sobre as tensões que a reposição da forma fixa implica. Caminham, sem mais, no sentido da reabilitação convencional [...] (CAMILO, Vagner. p.152, 2020)

Já na revista número 3, foram feitos os mesmos trabalhos de leitura, análise e indexação do que se encontrou e, em conformidade com o seu número precedente, há uma grande variedade de produções literárias, artísticas e críticas. O índice de nomes em conjunto com suas produções pode ser conferido no anexo I.

Essa relação, fricção texto-imagem, que ocorre no segundo número da revista, também se repete no número 3, como se pode ver logo após o texto de Darcy Damasceno, intitulado “Hölderlin e os ideais clássicos”, no qual aparece um banjo sustentado por duas alças num prego, preso a uma parede rachada (figura 4). Ainda na revista número 3, há uma caricatura de Carlos Drummond de Andrade (figura 5), no artigo de Bernardo Gersen intitulado “Uma interpretação de Carlos Drummond de Andrade”.

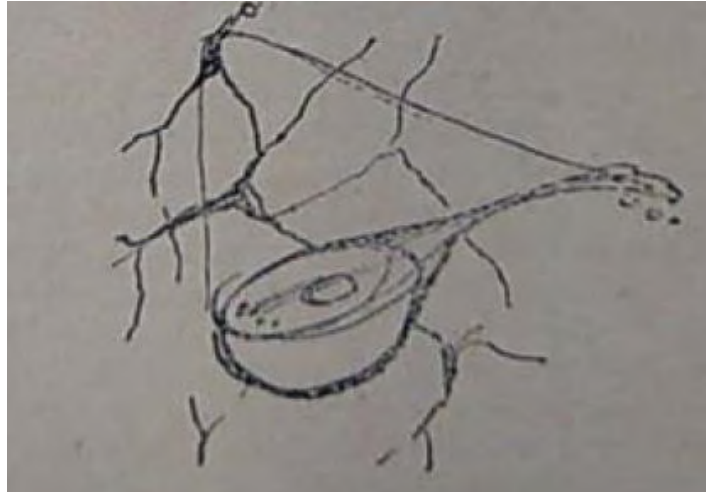


Figura 4



Figura 5

No artigo de Gersen, percebemos, ao primeiro contato, logo no título um duplo senso: a interpretação é do Carlos Drummond poeta ou do sujeito biográfico Drummond? Em outras palavras: é o Carlos Drummond funcionário público de origem itabirana, ou o poeta modernista?

À medida que o leitor se aprofunda nas linhas do artigo, logo se depara com uma caricatura de Drummond e, mais à frente, um quadro de Drummond, pintado por Portinari. Nesse espectro, percebemos a continuação dessas ambiguidades: ao mesmo tempo que é representada uma perspectiva humorística, com traços bem característicos, tem-se também uma pintura retratando uma seriedade maior; retratando um Drummond com a aparência mais realista, sem a perspectivação do humor. Consequentemente,

criam-se no imaginário do leitor duas óticas, ora a ótica de Drummond pessoa, ora Drummond poeta.

Esse duplo olhar se sustenta também quando somos tomados pelo conteúdo do artigo. Há um sem número de correlações entre a vida e o eu - lírico, vejamos alguns trechos:

A mudança de um meio para outro fundamentalmente diverso provoca no poeta uma espécie de trauma moral do qual possivelmente nunca se refará. Disto, sobretudo virá o seu drama: solitário, um interiorizado e um personalista enxertado no meio de milhões, obrigado a viver a vida mecânica, igual, dosada de milhões. (GERSEN, 1948, p.18-19)

Esse primeiro trecho, como se pode observar, correlaciona a mudança de localidade habitacional com as mudanças das perspectivas e labores poéticos e, segundo o próprio autor do artigo, perdurará por toda sua obra poética:

Êsse conflito permanecerá em quase tôda a sua obra poética; em cada livro, às vezes num mesmo poema, não raro no mesmo verso — só se atenuando nos poemas mais recentes, quando o poeta liberta-se um pouco do passado e se identifica mais com a angústia universal. [...]A sua nostalgia pessoal transforma-se pouco a pouco em aspiração social. Das recordações de infância volta-se para as antevisões distantes, inquieta-se pelo destino futuro do homem. Do solitário resulta o solidário. (GERSEN, 1948, p.19)

Em seguida, Gersen retorna à vida pessoal de Drummond para explanar sobre o movimento da literatura; mais especificamente a questão da transmutação do poeta: outrora, era visto como um gênio, e agora como um “homem comum”— mesmo aspecto já identificado por Baudelaire no poema em prosa “A perda da aura”, quando o poeta e o leitor se igualam:

Nos outros tempos não se conceberia um poeta funcionário público. Quem consegue imaginar um Villon, um Heine, um Baudelaire, um Keats, um Verlaine, ou um Shelley — citando ao acaso — engaiolados durante uma parte do dia dentro de repartição, sujeitos ao regulamento e ao ponto? [...] O poeta dos nossos dias, sem perder a sua qualidade de artista, transmutou-se no “homem comum”, com problemas e preocupações semelhantes às do seu leitor. Socialmente o poeta nivelou-se ao seu leitor. (GERSEN, 1948, p.19)

Essa metamorfose por influência exterior, como intitula Gersen, é mostrada também, nos versos de Drummond. Em seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, especificamente em “O poema das sete faces”, o crítico indica uma relação autobiográfica, pois os três primeiros versos apontam para esse eu – lírico deslocado de seu lugar, de seus hábitos, do seu estilo de vida:

Quando nasci, um anjo torto
Dêses que vivem na sombra
Disse: “Vai Carlos! Ser gauche na vida

Até esse ponto, o artigo apresenta um Drummond caricato. Seguindo o fluxo do texto, começa-se a traçar um perfil mais preciso e mais reto sobre Drummond — tanto o poeta, quanto o civil. Curiosamente, logo após a pintura feita pro Portinari, há um trecho do artigo que comenta/apresenta/expõe da humanização de Drummond:

[...]à medida que Carlos Drummond de Andrade vai-se tornando mais universal, fuça (sic) simultâneamente mais humano, mais comovido, menos senhor da sua serenidade. É fácil notar-se desde o primeiro livro até a A ROSA DO POVO um lento, mas inexorável despojamento da sua secura, da sua concisão, da sua timidez, de um certo maneirismo formal decorrente de concepções literárias. (GERSEN, 1948, p.25)

Dessa forma, à medida que a análise se substancia, Drummond também. Primeiramente, ele é caricaturizado e ao decorrer dos apontamentos críticos sobre sua vida e sua poesia, ele retorna, em forma de pintura.

Nessa análise, percebe-se a conexão da literatura com outra linguagem: a imagem. Depois de alguns textos, aparecem pinturas e ilustrações e, no fim da revista, até mesmo uma xilogravura. Isso nos leva a pensar que essa revista expõe outro viés crítico: a da relação da pintura/da ilustração com a literatura. E esses são alguns dos movimentos entre a poesia e a visualidade apontando para uma perspectiva mais estendida da própria literatura nas páginas da revista.

Não há muita novidade na relação entre poesia e imagem, mas o contexto de publicação e organização da revista faz com que a poesia se relacione de uma forma diferente com as imagens, com a crítica e com os textos da revista, caracterizando esse grupo não homogêneo de poetas de 45. Contudo, essa disposição dos textos e imagens faz com que haja um menor engessamento da leitura, ao mesmo tempo que traz textos críticos e reflexivos, apresenta também ao leitor, o prazer da leitura de um poema, de um ato de uma peça ou até mesmo de um conto. Ou seja, se há inflexão formal de um lado (CAMILO), de outro, pode haver uma relativa abertura.

Essa fricção da imagem no texto, segundo Vera Casa Nova, em seu texto “A letra na Imagem”, tem por objetivo “[...] enfeitar o texto com figuras e estampas registradas, bem como demonstrar, instruir, dar brilho [...]” (2008, p.56). Nesse sentido,

é perceptível que as imagens após os textos propõem certa identidade visual da revista, criando uma *estampa registrada* para cada texto que recebe a ilustração.

Nessa perspectiva e a depender de qual seja a imagem, ela aparece como consequência do campo interpretativo-alusivo da escrita, propondo uma ideia do que o texto expôs. Seja como se o texto não bastasse para a leitura, seja como reforço mnemônico para o leitor, esse estilo de apresentação fez-se como característica própria da revista *Orfeu*.

Ademais e sob as linhas de Vera Casa Nova, o pintor e o poeta são as duas faces de um mesmo ofício: a representação, e nesse sentido, a autora propõe:

A chegada de pintores no espaço do livro sob forma do que se chama ‘livro ilustrado’ é irreversível. É o diálogo entre as artes. O poema e a imagem se roçam. O século XX viu as fronteiras se dissiparem. Alguns pintam, desenham e escrevem: Victor Hugo, H. Michaux, A. Jarry, Artaud. Seus traços, na incursão em outras artes são pura poesia. Quando escrevem sobre sua própria arte, elaboram uma reflexão sobre a arte:

‘Partindo do informe, o ponto de partida é a superfície a ser animada — tela ou folha de papel — e a primeira mancha de cor ou de tinta que se joga; o efeito que daí resulta, a aventura que resulta daí. É esta mancha, à medida que se a enriquece e orienta que deve conduzir o trabalho.

Quem pode ser mais poeta que um pintor?’ (CASA NOVA, Vera. 2008 p. 57-8)

Nesse trecho, Casa Nova lembra que a pintura e poesia se entrecruzam. Essa premissa é uma retomada ao que Horácio, em sua *Carta aos Pisões*, pontuara: “ut pictura poesis” (“a poesia é como a pintura”); por extensão, podemos levar esse conceito às ilustrações, xilogravuras e afins, percebendo que a revista retoma uma tradição ilustrativa dos textos, trazendo-os para um novo campo – o campo das artes visuais e reiterando a relação da literatura com outras artes.

III — Da querela à tensão: a revista como meio expositivo

Em meio às latências artístico-literárias da década de 40, um questionamento é posto em pauta: seriam as novas tendências poéticas uma negação total do que foram as anteriores? Esse questionamento já é proposto em sua respectiva década, visto que João Cabral de Melo Neto já reflete sobre esse conceito, em carta enviada a Domingos Carvalho da Silva, como mostra o artigo das professoras Laíse Ribas Bastos e Maria Lucia de Barros Camargo, intitulado “‘Meu caro Domingos’ – as cartas de João Cabral para Domingos Carvalho da Silva”: “[...] a ideia de pertencimento a uma ‘família geracional’ é reiterada em várias missivas, embora não sem críticas, tampouco sem consciência de que tal pertencimento não significava identidade de princípios e práticas poéticas” (p.81, 2020). Perceptivelmente, as professoras observam que os próprios poetas dessa década estavam cientes de haver uma polifonia, um sem número de vozes artísticas diferentes, cada uma com suas influências e visões sobre a poesia e o fazer poético daquele momento.

Assim, o primeiro aspecto que se sobressai é o aspecto cronológico que a nomenclatura “Geração de 45” propõe. Benedito Nunes em seu texto “A ‘Geração de 45’ e João Cabral” afirma que

[...]‘geração de 45’ não constituiu nem programa nem movimento sob determinada bandeira estética. Ela terá sido renovadora, mas de acordo com a sua experiência histórica, no sentido do enriquecimento das possibilidades de criação poética pela reabertura das tradições contornadas ou interrompidas pelo modernismo, e, ainda, por efeito do contato atualizador com fontes contemporâneas da poesia estrangeira.”(NUNES, 2007 p.150)

Nessa década, muitos autores traduzidos começam a circular no Brasil, e esse contato, como afirma Benedito Nunes, faz com que haja um “enriquecimento das possibilidades de criação poética” além da “reabertura das tradições”, sendo esses dois, os elementos principais para que circule uma nova poesia no Brasil, como Domingos de Carvalho mesmo propõe em seu pronunciamento, intitulado “Há uma nova poesia no Brasil”, no I Congresso Paulista de Poesia, ocorrido em 1948.

Nesse pronunciamento, que depois viria a ser publicado com o título “Há uma nova poesia no Brasil” (*Revista de Poesia e Crítica*, Brasília – DF, 1986, p.35). Domingos retorna um pouco no tempo e propõe que Graça Aranha prelecionou “um grupo de jovens, desejosos de alguma coisa de novo” (*Revista de Poesia e Crítica*, Brasília – DF, 1986, p.35) e que eles foram à busca de uma “nova arte”, sendo batizada

à priori como futurismo. Entretanto, essa nomenclatura soa vaga e perde seu lugar, tomando posse à palavra modernismo, que nesse sentido, abrangeria temporalmente desde a Semana de 22 até 1945.

Nesse regime de 22, alcunhado como modernismo, o foco estava em “demolir” (desfazer) tudo que era tido como estética normativa da literatura brasileira, fazendo com que “[...] para a geração que morria com os últimos tálburis, os modernistas eram uma tremenda invasão de bárbaros” (*Revista de Poesia e Crítica*, Brasília – DF, 1986, p.35). Naquele momento, era necessário construir alguma coisa sobre essas ruínas e embora os poetas de 22 tivessem avançado o máximo com sua poesia combativa, suas tentativas de construção sempre retomavam as fontes que decidiram fechar.

Ademais, Domingos afirma com certa precisão (ênfase?) que eles “esquecendo que eram poetas, saíram em busca da poesia pela história do Brasil, pelo caminho das Bandeiras, pelas fazendas de café” (*Revista de Poesia e Crítica*, Brasília – DF, 1986, p.36).

A partir de 1945, ainda segundo Domingos, o poeta passa a ser um intermediário: “O poeta deixou de ser apenas um fotógrafo ou relator para se transformar em intérprete” (*Revista de Poesia e Crítica*, Brasília – DF, 1986, p.36). A partir disso, extrai-se que o poeta passa a interpretar o mundo de tal forma em que a sua subjetividade é posta em cena, transformando se numa poesia que poderia ser emoldurada em formas mais clássicas como um soneto, ou estrofes de redondilhas sob a mesma simplicidade e leveza, sem ser taxada como prescritiva menos ainda conclusiva; “É apenas poesia” (*Revista de Poesia e Crítica*, Brasília – DF, 1986, p.36)

Percebe-se que até mesmo na proclamação do seu discurso, Domingos exalta que há primeiro uma destruição pelos poetas de 22 para depois uma reconstrução pela “Geração de 45”, e nesse sentido, muito dessa reconstrução é feita com laços ainda na década de 20, o que indica uma ideia de extensão. Mas não uma extensão completa, e sim uma extensão como uma segunda parte de um ideal de Literatura Brasileira

Nessa reflexão também se insere o poeta, tradutor e professor Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992), quando ele infere⁷ que esse novo movimento de literatura soa como uma elegia ao modernismo e que seu nome será revelado à posteriori e, mesmo tendo feito esta afirmação, ele sugere uma nomenclatura, “neo-modernismo”, e

⁷RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. O neo-modernismo. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n.1, v.1, p.2-4, dez.1947.

em seguida propõe que o movimento não se inicia como uma ruptura, mas uma extensão com algumas distinções⁸.

Nesse quadro, a revista literária aparece antes de qualquer coisa, como diálogo no tempo e não contra o tempo. A revista é um espaço interdisciplinar de "escuta contemporânea" que põe "o acento sobre o público, imaginando como espaço de alinhamento e conflito" (SARLO, 1992, p.9). Nessa escuta, a revista expõe justamente essa tensão entre gerações, como afirma Carlos Speck Pereira,

[...]de um lado, há a atenção para o que resta do modernismo como herança ou "prolongamento", como defende Péricles Eugênio da Silva Ramos em "O neo-modernismo" e, de outro, a alimentação da ideia de ruptura com o movimento de 1922, fortemente endossada pelo poeta e crítico literário Domingos Carvalho da Silva, o secretário de redação – "Há uma nova poesia no Brasil", conferência sua proferida no I Congresso de Poesia de São Paulo e publicada na seção "Arquivo" da revista. (PEREIRA, C. S. 2020 p.36)

Por sua vez, a Revista *Orfeu* número 2, nesse contexto, apresenta seus objetivos e vontades em seu editorial intitulado "Tarefa" (figura 5 e 6), como mostrado abaixo:

Não queremos uma literatura de primarismo demagógico nem civilização vazia de um neo-parnasianismo estritamente confidencial. Queremos apenas uma arte que concilie a invenção com a responsabilidade, o estudo e o desenvolvimento formal com a expressão dos valores psicológicos, morais e sociais que caracterizam um povo e um território como o Brasil. A arte deve acompanhar e exprimir a vida e o destino do país e do povo. Sabemos muito bem que, a cada jovem escritor, correspondem mensagens diferentes. Entretanto, esperamos que, dominando suas paixões e lutando em busca da autenticidade que os definirão, os que ora surgem conosco formulem mensagens que se destinem à vida.

No sentido de apresentar constantemente por suas páginas valores novos, "ORFEU" receberá com simpatia e interesse toda colaboração de jovens escritores e artistas do país. Os trabalhos devem revestir um cunho o mais possível pessoal e realmente artístico, para que "ORFEU" tenha o prazer de revelar valores de fato significativos da geração de vinte anos (Orfeu. Tarefa. *Orfeu*. Rio de Janeiro, n.2, 1948, p.2-3)

⁸"O modernismo foi nacionalista e esteticista, o neo-modernismo é universalista e preocupado com questões sociais e políticas, o primeiro foi revolucionário, o segundo é reacionário em estética" (RAMOS, Péricles E.S. 1947, p.02). Ao mesmo tempo que Péricles afirma que o "neo-modernismo" se constrói como engajado social e politicamente, divergindo do modernismo e se mostrando progressista, na estrutura poética, ele retrocede e retoma a disciplina poética, aos ritmos clássicos e as métricas populares.

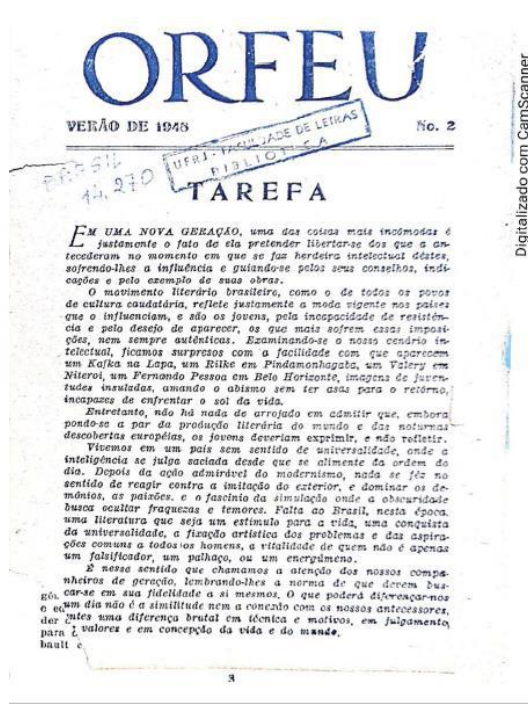


Figura 5

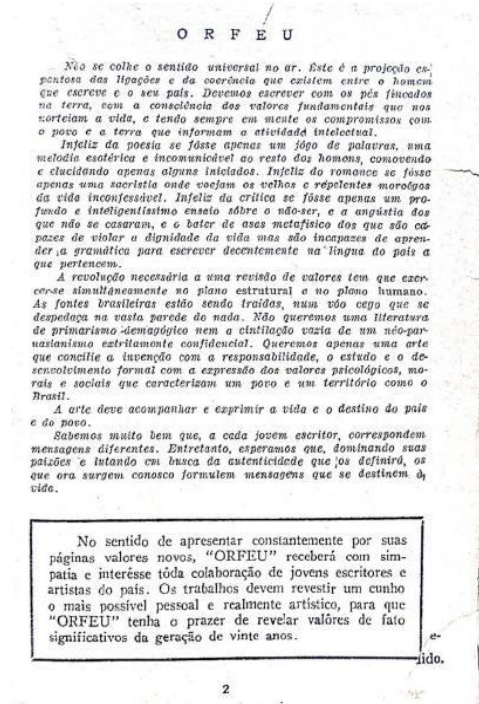


Figura 6

Ao mesmo tempo em que a revista evoca os jovens para trazer suas produções artísticas de caráter pessoal e com intuito de apresentar valores novos, ela publica sonetos e ensaios e poemas com temáticas tidas como canônicas — como a morte da mulher amada e reflexões metafísicas, por exemplo, conforme mencionado anteriormente. Além disso, os ensaios traduzidos são dos autores mais tradicionais, mostrando uma lacuna entre o que se teoriza e o que de fato se produz, ou nas palavras de Carlos Speck Pereira e Jeferson Candido, no citado artigo “Ausências e presenças na Revista Brasileira de Poesia (1947-1956)”, “[...] ineficiência quase projetaria na falta de correspondência entre o que é teorizado pelos críticos-poetas e o que esses poetas-críticos produzem em matéria de poesia.” (2021, p.63), reiterando a ideia que João Cabral de Melo Neto propusera: as gerações mais novas não são uma negação das anteriores; esse espírito de renovação pela revolta não se sustenta; o que existe é uma diferente localização histórica e, conseqüentemente, os problemas que se põem também são diferentes. Por isso aquele conceito de que o modernismo “destruiu” e os de 45 “construíram” não se sustenta.

Nesse dualismo, percebe-se que o ímpeto de construir uma literatura propriamente brasileira se mantém, vide o trecho “[...] a expressão dos valores psicológicos, morais e sociais que caracterizam um povo e um território como o Brasil.” do editorial. Ora, esse objetivo fora um dos principais da Semana de 22 e agora está sendo retomado, trazendo à tona um intuito de uma extensão conceitual da fatídica

semana, ao mesmo instante que a revista recorre aos jovens escritores, para nutri-la com suas produções, nos mostrando um movimento de renovação, de criação.

Por sua vez, a revista *Orfeu* número 3 recebe um editorial chamado “Julgamento” (figura 7), no qual o Conselho Consultivo se propõe a julgar os novos artistas e também “a classe conservadora”, os que vieram antes, com objetivos bem claros: para que possam ser julgados também um dia e a partir desse julgamento, se possa edificar uma criação artística através da crítica do próprio ato de julgar.

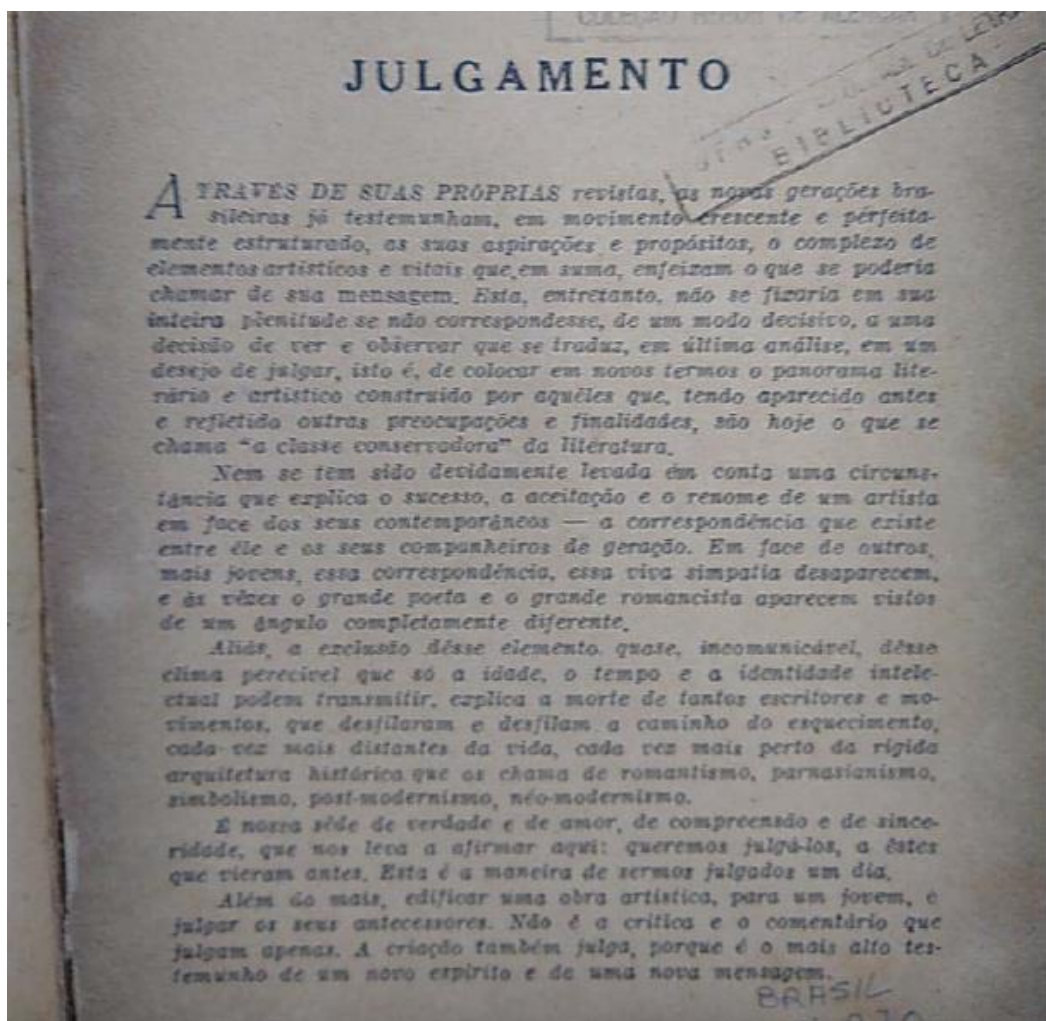


Figura 7

Nesse número, a explícita proposta de julgar sendo o mais “alto testemunho de um novo espírito e de uma nova mensagem” (*Orfeu*. Julgamento. *Orfeu*. Rio de Janeiro, n.3, 1948) une ao fato de julgar a geração anterior, no sentido de entender os procedimentos poéticos para que se possa reutilizá-los ou descartá-los, fazendo com que haja uma nova espécie poética. Em acréscimo, tem-se que

A revista literária é uma forma da crítica e, no entanto, estabelece com ela relações bastante tensas. Fundamentalmente hierárquica já que pressupõe o julgamento universal, a crítica oferece totalidades estratificadas que impõem conexões reguladas ou mesmo controladas entre si por uma comunidade de especialistas. (ANTELO, 1997, p. 5)

Segundo as palavras de Raúl Antelo, esse julgamento bem como a escolha acerca do que publicar é um movimento característico das revistas literárias de forma geral. Ora, se por um lado a revista segue o que é previsto, por outro, ela encadeia esse julgamento ao passado, e a uma consciência histórica do poeta (quer dizer, o poeta tem consciência de que pertence à história e de que ela, a história, se refaz); agindo como um movimento de eterna referência, tendo como consequência um conjunto de aspectos antigos, com novos adereços, mesmo havendo diferenças históricas, políticas e sociais — a partir das quais surge o status diferenciador (ou de diferenciação) do que poderia se chamar Geração de 45.

Assim, dentro dessa breve análise, o que os pesquisadores Carlos Speck Pereira e Jeferson Candido propõem para a *Revista Brasileira de Poesia*, também parece ocorrer com a *Revista Orfeu*: para além de uma ruptura ou de um prolongamento, há uma tensão: ora os aspectos tradicionais recebem os holofotes artísticos, ora os aspectos inovadores entram em cena. Speck e Candido retomam como já foi explicitado acima, o conceito de “ineficiência”, proferido primeiramente por Maria Marcelita Pereira Alves, em sua dissertação de 1979, no qual ela enuncia que o pós-modernismo inscreve uma exploração profunda das premissas dos poetas de 22, ao mesmo tempo que se renova por esse não rompimento.

Fundamentado nessa investigação, podemos reformular, completar a ideia de Ramos, quando ele enuncia a morte do modernismo “[...] a morte do modernismo, no que este possui de tumultuário e desordenado. Porque não era mesmo possível que continuássemos, indefinidamente, cozinhando seguindo receitas sem valor provado” (1947, p.03). Contudo, o modernismo não morreu, ele (re) existe de forma mútua com o seu fruto, recebendo e doando interações de ordem estética e conceituais.

IV – Considerações finais

O percurso trilhado neste trabalho tinha como conjectura uma possível via de estudo da lacuna crítica existente no período tratado: a década de 40, mais especificamente, a partir de uma leitura inicial da revista *Orfeu*. Percebemos que pelas entrelinhas e pelas escolhas de textos para publicar assim como de respectivos nomes, o grupo editorial da revista tomou um posicionamento explicitamente exposto na revista.

Nesse sentido, encaminhei meus estudos a alguns desses posicionamentos a partir da leitura crítica potencializada/enfatizada pela indexação, que está veiculada em anexo. Não visava tomar um partido ou outro, mas sim, indicar uma possível perspectiva nessa(s) lacuna(s) e/ou mal entendidos ainda remanescentes desse período ainda um pouco turvo, principalmente pelo pouco acesso/ pouco conhecimento do periódico em questão. Nessa perspectiva, introduzi o trabalho ao fazer uma breve apresentação da revista *Orfeu*, pondo em evidência os aspectos que seriam trabalhados, especialmente os números 2 e 3, para depois me ater a alguns princípios teóricos e críticos pulsantes nela.

Entre esses aspectos, decidi começar pelo que mais me chamou atenção: os grafismos presentes na revista. Não me pareceu ao acaso ler um artigo, por exemplo, e haver ao final dele um desenho que, por aparência, dialogava com ele. Da mesma forma, ao ler um poema ou até mesmo um ensaio. Esse formato do texto acrescido de uma imagem, seja ela qual for e de qual tipo for, difere do que é habitual e do que se é esperado da revista, então, eu pude em algum ponto perceber uma possível correlação entre os dois, lembrando a Semana de 22, quando não houvera só textos escritos, mas também artes visuais, só que agora, na *Orfeu*, não mais como ruptura.

A partir dessa primeira abordagem, pode-se sugerir que a Revista *Orfeu* possuía um grande valor representativo e materialístico: ela encorpa um conjunto de ideias e reflexões sobre literatura e outras artes, também divulgando novos artistas, contendo textos críticos, ensaios e traduções de artistas já conhecidos pelos seus trabalhos, além de nela também existir uma metacrítica aos próprios escritores daquela época.

Ademais, tomei a revista como arcabouço teórico e a partir dessa ótica, a concorrência de dois fatores se mostrou marcante. Primeiro, a ideia de geração e, por conseguinte, a querela entre a geração nova e a geração antiga. Ambas as lacunas desses fatores se fizeram importantes para que eu pudesse adentrar os primeiros números da

revista e, de certo ponto, já filtrar o que eu deveria procurar: falhas; ou como foi dito acima, lacunas.

Essas falhas da proposta e sua realização concreta nos abrem uma porta a entender as dificuldades de categorização, sobretudo enfrentadas àquela época tendo em vista as múltiplas verborragias poético-literárias lá presentes. Assim, se torna pouco eficaz a divisão temporal das gerações, além do próprio termo ser bem amplo e, portanto, ambíguo.

V - Referências bibliográficas

ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. **Boletim de Pesquisa NELIC**, v. 1, n. 2, p. 3-11, 1997.

BARTHES, Roland. Lectures : le geste. In : **L’Obvie et l’obtus** – Essais Critiques III. Paris, Editions du Seuil, 1982.

BASTOS, Laíse Ribas. Para Domingos: as cartas, os amigos, a literatura. Florianópolis, **Boletim de Pesquisa NELIC**, 2017, V.17, n. 27, p.31-40.

BAUDELAIRE, Charles. La perte d’auréole. in : **Le spleen de Paris**. Ebooksgratuits. Disponível em: https://www.ebooksgratuits.com/pdf/ baudelaire_le_spleen_de_paris.pdf. Acesso em 04 de Julho de 2022.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1997.

CAMILO, Vagner. **A modernidade entre tapumes**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2020.

CANDIDO, Jeferson; PEREIRA, Carlos Speck. Ausências e presenças na Revista Brasileira de Poesia (1947-1956). **Texto Poético**, v. 17, n. 34, p. 58-72, set./dez. 2021.

CASA NOVA, Vera. A letra na imagem in: **Fricções: traço, olho, letra**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária, 1948-1959. Vol. II. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2021.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra Completa**. Edição organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A. , 2003.

NUNES, Benedito. A “Geração de 45” e João Cabral. In: João Cabral: **A máquina do Poema**. Brasília: Editora UnB, 2007.

PEREIRA, Carlos Speck. **Abrir uma revista pelo seu verso**: um itinerário através da Revista Brasileira de Poesia. 2020. 155 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

RAMOS, Péricles Eugenio da Silva. O neo-modernismo. **Revista Brasileira de Poesia, São Paulo**, n.1, v.1, p.2-4, dez. 1947.

REVISTA ORFEU. **Revista Orfeu**, n.2, verão de 1948.

REVISTA ORFEU. **Revista Orfeu**, n.3, outono de 1948.

SILVA, Domingos Carvalho da. Há uma nova poesia no Brasil. **Revista de Poesia e Crítica**, Brasília, n. 12, p. 34-36, 1986.

Anexo I

- **Revista Orfeu nº 2**

Anísio Medeiros	Ilustração
Axel Stern	Artigo
Benedetto Croce	Artigo
Charles Morgan	Artigo
Darcy Damasceno	Soneto
Fernando Victor	Poema
Fernando Ferreira de Loanda	Poema e artigo
Francisco Pereira da Silva	Conto
Fred Pinheiro	Soneto e poema
Haroldo Maranhão	Artigo
João Gaspar Simões	Artigo
Jorge Wilhelm	Ensaio
José Paulo Moreira da Fonseca	Poema
Lêdo Ivo	Soneto, poema e ensaio
Marcos Konder Reis	Ficção
Renina Katz	Ilustração
Stephen Spender	Artigo
Terezinha Eboli	Ficção
Valdemar Cavalcanti	Ensaio
Waldomiro Autran Dourado	Conto
Yllen Kerr	Ilustração

- **Revista Orfeu nº3**

Antônio Girão Barroso	Ensaio
Alphonsus de Guimaraens Filho	Soneto
Bernardo Gersen	Ensaio
Cândido Portinari	Pintura
Cícero Dias	Litografia
Charles Morgan	Ensaio
Darcy Damasceno	Ensaio
Fernando Pessoa	Poema
Fernando Ferreira de Loanda	Ode
Fred Pinheiro	Poema
Haroldo de Maranhão	Ensaio
Lêdo Ivo	Soneto
Péricles Eugênio da Silva	Ensaio
Tomás Santa Rosa	Ilustração

Anexo II

Catálogo da Revista Orfeu, nº 2 – Verão 1948

Idioma: Por.

Entidade coletiva: Revista Orfeu.

Título do artigo: Tarefa.

Página: 3-4

Vocabulário controlado: Editorial.

Autores colaboradores: Revista Orfeu.

Palavras-chave: revista Orfeu, modernismo, inovação, literatura.

Resumo: O texto faz uma chamada para jovens escritores serem publicados, com a premissa de que após o modernismo, nada se fez além de refletir a literatura estrangeira.

Os autores se referem principalmente aos jovens, pois, segundo o texto, são menos resistentes aos estrangeirismos culturais.

Idioma: Por.

Título do artigo: O “Homem absurdo” de Camus.

Página: 6-9

Vocabulário controlado: Ensaio.

Nome pessoal como assunto: Albert Camus.

Autores colaboradores: Jorge Wilhem.

Palavras-chave: Filosofia, absurdo, Camus.

Resumo: Jorge Wilhem discorre sobre o conceito de Absurdo e conseqüentemente do homem absurdo em algumas obras do autor franco-argelino Albert Camus, sendo algumas “Le Mythe de Sísiphe” e “A Conquista”. Além disso, passa por Sartre visto o ponto em comum que este tem com Camus: a libertação do homem.

Autores citados: CAMUS, Albert; SARTRE, Jean-Paul.

Idioma: Por.

Título do artigo: Fragmento de “Die weisse Fürstin”

Página: 9

Vocabulário controlado: Poema.

Autores colaboradores: Rilke.

Tradutor: Sem crédito.

Idioma: Por

Título do artigo: Naípe de elisabete Investida; Cântico do brejo; Alvorada.

Página: 11-14

Vocabulário controlado: Coleção de poemas

Autores colaboradores: Lêdo Ivo.

Idioma: Por
Título do artigo: Festa de núpcias (cena do segundo ato)
Página: 15-19
Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: Lêdo Ivo.

Idioma: Por
Título do artigo: Treno para celme
Página: 20
Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: Lêdo Ivo.

Idioma: Por
Título do artigo: O alogado
Página: 21
Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: Fernando Ferreira de Loanda.

Idioma: Por
Título do artigo: Conto de natal.
Página: 23-26.
Vocabulário controlado: Ficção.
Autores colaboradores: Francisco Pereira da Silva.

Idioma: Por.
Título do artigo: A grinalda.
Página: 27-29.
Vocabulário controlado: Ficção.
Autores colaboradores: Terezinha Eboli.

Idioma: Por
Título do artigo: Enlêvo
Página: 30
Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: Haroldo Maranhão.

Idioma: Por
Título do artigo: Menino morto com papavento
Página: 31

Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: Fernando Victor.

Idioma: Por
Título do artigo: Corpo e silêncio
Página: 32-34.
Vocabulário controlado: Ficção.
Autores colaboradores: Waldomiro Autran Dourado.

Idioma: Por
Título do artigo: Máscara trágica
Página: 35
Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: José Paulo Moreira da Fonseca.

Idioma: Por.
Título do artigo: Emily brontë
Página: 36-42
Vocabulário controlado: Ensaio.
Nome pessoal como assunto: Emily Brontë, Charlotte Brontë, Anne Brontë, Miss May Sinclair, Mme. Duclaux, Mrs. Gaskell, Mr. Benson, Bramwell Brontë.
Autores colaboradores: Charles Morgan
Palavras-chave: irmãs Brontë, Emily Brontë, biografia, escritos.
Resumo: Charles Morgan discorre sobre a vida de Emily Brontë e sua relação com as irmãs e seus escritos, trazendo à tona todo o contexto de produções literárias bem como algumas críticas à elas.
Autores citados: BRONTË, Emily.

Idioma: Por
Entidade coletiva: Revista Orfeu
Título do artigo: Canto da espera
Página: 43
Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: Sem crédito.

Idioma: Por
Título do artigo: A Sala branca
Página: 44
Vocabulário controlado: Poema.
Autores colaboradores: Fred Pinheiro.

Idioma: Por.
Entidade coletiva: Revista Orfeu
Título do artigo: À Memória de fernando pessoa.

Subtítulo do artigo: (Esboço de um retrato)
Página: 48-49.
Vocabulário controlado: Crônica.
Nome pessoal como assunto: Fernando Pessoa.
Autores colaboradores: Revista Orfeu
Palavras-chave: Fernando Pessoa, café, Lisboa.

Idioma: Por
Título do artigo: Saímos — almada negreiros e eu
Página: 50
Vocabulário controlado: Crônica.
Autores colaboradores: João Gaspar Simões.

Idioma: Por.
Título do artigo: Um novo poeta.
Página: 50-52.
Vocabulário controlado: Ensaio.
Nome pessoal como assunto: Darcy Damasceno.
Autores colaboradores: F.F.Loanda.
Palavras-chave: Darcy Damasceno, poemas, personalidade poética.
Resumo: F.F. Loanda analisa a nova obra poética de Darcy Damasceno, refletindo sobre suas características comuns a outros autores e também suas particularidades, provocando os críticos a o lerem com mais empenho a fim de reparar em sua força poética.
Autores citados: DAMASCENO, Darcy; IVO, Lêdo; SILVA, Domingos de Carvalho da; REIS, Marcos Konder; MENDES, Murilo; ANDRADE, Carlos Drummond de; ARMANDO, Paulo; PAES, José Paulo, BRANDÃO, Jacques do Prado.

Idioma: Por.
Título do artigo: Acerca do estilo de bartók.
Páginas: 54-55.
Vocabulário controlado: Resenha
Nome pessoal como assunto: Béla Bartók.
Autores colaboradores: Jorge Wilhelm.
Palavras-chave: Béla Bartók, estilo, composição.
Resumo: Jorge Wilhelm analisa algumas composições de Bartók, comparando seu estilo aos de outros compositores e escolas, ressaltando as características divergentes e particulares, bem como as comuns.
Autores citados: BACH, Johann Sebastian; BEETHOVEN, Ludwing Van; STRAVINSKI, Ígor; FRANCK, César; DEBUSSY, Claude; SCHÖNBERG, Arnold.

Idioma: Por.
Título do artigo: Qual deverá ser a posição dos escritores moços em face do momento atual?

Página: 56-57

Vocabulário controlado: Entrevista.

Autores colaboradores: Revista Orfeu e Bernardo Gersen.

Palavras-chave: literatura, jovens escritores, Bernardo Gersen.

Resumo: Bernardo Gersen discorre sobre o futuro da literatura e o posicionamento dos jovens escritores frente ao mundo tal como estava propondo uma literatura engajada.

Idioma: Por.

Título do artigo: A Novela realista e a imaginação poética.

Página:57-58.

Vocabulário controlado: Resenha.

Autores colaboradores: Stephen Spender.

Palavras-chave: Stephen Spender, Penguin New Writing

Resumo: Stephen Spender analisa a novela realista de diversos autores, principalmente franceses, comparando algumas características/funções da novela e da poesia.

Autores citados: BALZAC, Honoré de; TOSTÓI, Liev; DICKENS, Charles; FLAUBERT, Gustave; YEATS, Wiliam Butler; SHAKESPEARE, William; STHENDAL, MONCRIEFF, Scott; SHELLEY.

Tradutor: Sem crédito.

Idioma: Por.

Título do artigo: O Existencialismo contra a existência.

Página: 59-60.

Vocabulário controlado: Resenha.

Autores colaboradores: Alex Stern.

Palavras-chave: Alex Stern, existencialismo, existência, Sartre.

Resumo: Alex Stern tece uma análise comparativa entre o conceito de existencialismo sartreano e a existência propriamente dita, trazendo exemplos da vida real para a discussão teórica.

Autores citados: SARTRE, Jean-Paul;

Idioma: Por.

Título do artigo: Idealidade e arte.

Página: 61-62.

Vocabulário controlado: Ensaio.

Autores colaboradores: Benedetto Croce.

Palavras-chave: Arte, filosofia, Benedetto Croce, literatura.

Resumo: Benedetto faz uma análise subjetiva das ciências matemáticas, naturais e das ciências poéticas, comparando-as e propondo que mesmo essas áreas sejam inimigas, no século XVIII, quando as ciências matemáticas e naturais eram predominantes, a poesia tinha um campo mais fecundo.

Tradutor: Sem crédito.

Idioma: Por.

Título do artigo: Em louvor da nova geração.

Página: 62-64.

Vocabulário controlado: Ensaio.

Autores colaboradores: Valdemar Cavalcanti.

Palavras-chave: Valdemar Cavalcanti, nova geração, literatura brasileira.

Resumo: Valdemar Cavalcanti discorre acerca da nova geração de escritores e revista de literatura, ressaltando sua importância e potencialidade.

Autores citados: IVO, Lêdo; ANDRADE, Maria Julieta Drummond; MARTINS, Wilson; PELEGRINO, Hélio; CARPEAUX, Otto Maria.

Catálogo da Revista Orfeu, nº 3 – Outono de 1948

Idioma: Por.

Entidade coletiva: Revista Orfeu

Título do artigo: Julgamento.

Página: Não consta.

Vocabulário controlado: Editorial.

Nome pessoal como assunto: Revista Orfeu.

Palavras-chave: revista Orfeu, editorial, literatura brasileira.

Resumo: O texto apresenta o número da revista com uma intenção de julgar; fazer crítica aos movimentos artísticos e literários do passado com intuito de erigir uma obra artística nova — criando uma nova mensagem.

Idioma: Por.

Título do artigo: Do azul, num soneto.

Página: Não consta.

Vocabulário controlado: Poema.

Autores colaboradores: Alphonsus de Guimaraens Filho.

Idioma: Por.

Título do artigo: Hölderlin e os ideais clássicos.

Página: 3-8

Vocabulário controlado: Ensaio.

Nome pessoal como assunto: Friedrich Hölderlin.

Autores colaboradores: Darcy Damasceno.

Palavras-chave: Hölderlin, helenismo, Darcy Damasceno.

Resumo: Darcy Damasceno traça uma análise sobre o estilo de Hölderlin, propondo que o alemão retome aos ideais clássicos à sua maneira, ou seja, um helenismo formal, não ideal; atitude de integração e recriação.

Autores citados: HÖLDERLIN, Friedrich; HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich; SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph Von.

Idioma: Por.

Título do artigo: Poesia em pânico.

Página: 9-11.

Vocabulário controlado: Ensaio.

Autores colaboradores: Haroldo de Maranhão.

Palavras-chave: poesia brasileira, Haroldo de Maranhão, crise da poesia.

Resumo: Haroldo de Maranhão analisa a poesia de sua época, propondo que ela diverge da tradição, o que gera uma dicotomia: os passadistas e os jovens poetas inovando.

Autores citados: MENDES, Murilo; ANDRADE, Mario de; CARPEUAX, Otto Maria; LOANDA, Fernando Ferreira de; BARATA, Ruy Guilherme; BRANDÃO, Jacques do Prado; FIGUEIREDO, Wilson; REIS, Marcos Konder; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; PELLEGRINO, Hélio; ANDRADE, Carlos Drummond de ; BANDEIRA, Manuel; SCHMIDT, Augusto Frederico.

Idioma: Por.

Título do artigo: Ode I, Ode II, Ode III, Ode VII, Ode para Jack London

Página: 13-17.

Vocabulário controlado: Poema.

Autores colaboradores: Fernando Ferreira de Loanda.

Idioma: Por.

Título do artigo: Uma interpretação de Carlos Drummond de Andrade.

Página: 18-30.

Vocabulário controlado: Ensaio.

Autores colaboradores: Bernardo Gersen.

Palavras-chave: literatura brasileira, Drummond, Bernardo Gersen.

Resumo: Haroldo de Maranhão analisa a poesia de sua época, propondo que ela diverge da tradição, o que gera uma dicotomia: os passadistas e os jovens poetas inovando.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; BANDEIRA, Manuel; SCHMIDT, Augusto Frederico.

Idioma: Por.

Título do artigo: Soneto

Página: 31-32.

Vocabulário controlado: Poema

Autores colaboradores: Lêdo Ivo.

Idioma: Por.

Título do artigo: Emily Brontë

Página: 33-39.

Vocabulário controlado: Ensaio.

Autores colaboradores: Charles Morgan

Palavras-chave: literatura inglesa, Emily Brontë, Bernardo Gersen.

Resumo: Morgan traça uma análise do estilo de escrita de Emily Brontë, analisando os temas, personagens e até mesmo levando em conta algumas hipóteses levantadas por Charlotte Brontë, irmã de Emily.

Autores citados: BRONTË, Emily; BRONTË, Charlotte; GERSEN; Bernardo; BELL, Ellis; SCOTT, Walter.

Tradutor: Paulo Padilha

Idioma: Por.

Título do artigo: Ó sino da minha aldeia

Página: 40

Vocabulário controlado: Poema

Autores colaboradores: Fernando Pessoa

Idioma: Por.

Título do artigo: “O engenheiro”, de João Cabral de Melo Neto

Página: 42-44

Vocabulário controlado: Ensaio.

Autores colaboradores: Antônio Girão Barroso

Palavras-chave: literatura brasileira, João Cabral de Melo Neto, engenheiro

Resumo: Barroso esboça uma ideia sobre a produção poética de João Cabral de Melo Neto, comparando dois poemas intitulados “O Funcionário” e “A moça e o trem”, onde ele demonstra a lógica constitutiva dos poemas e suas temáticas.

Autores citados: MELO NETO, João Cabral de; ANDRADE, Oswald.

Idioma: Por.

Título do artigo: Notas marginais

Página: 45-47

Vocabulário controlado: Ensaio.

Autores colaboradores: Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Palavras-chave: literatura estrangeira, poesia, crítica.

Resumo: Péricles esboça alguns traços característicos dos escritos dos autores Luis de Góngora y Argote e Federico García Lorca e os relaciona com os autores clássicos Eurípedes e Otrifrid, pondo em evidência o impacto atemporal dessas simetrias.

Autores citados: GOURMONT, Rémy de; Eurípedes; GÓNGORA, Luis de; NÉVIO, Cneu; Caedmon; Otrifrid; GARCÍA LORCA, Federico.

Idioma: Por.

Título do artigo: Poemas de Fred Pinheiro

Página: 48-51

Vocabulário controlado: Poema
Autores colaboradores: Fred Pinheiro.